

ANÁLISE DE DISCURSOS PRESENTES EM LETRAS DE FUNK QUE RETRATAM REALIDADES FEMININAS CANTADAS E PERFORMADAS POR MULHERES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Cloris Porto Torquato¹
Isabely Schermak Sanson Freitas²

RESUMO

Nesse trabalho, temos como objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento na qual analisamos letras de funk cantadas e performadas por mulheres e que descrevem e representam mulheres brasileiras, negociando identidades femininas nas suas produções culturais. Assim, buscamos entender o que as letras de funk dizem sobre essas mulheres, como as representam e possíveis diálogos dessas letras de funk com discursos patriarcais e machistas presentes em nossa sociedade. Na pesquisa, focalizamos as vozes e as biografias das mulheres que performam e escrevem essas músicas. Portanto, analisamos: clips e letras de funk produzidas e performadas por mulheres, entrevistas e postagens nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Funk de mulheres. Gêneros sociais. Análise dialógica do discurso. Linguística aplicada.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, temos como objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento na qual analisamos letras de funk cantadas e performadas por mulheres e que descrevem e representam mulheres brasileiras, negociando identidades femininas nas suas produções culturais. O funk é um dos gêneros musicais mais ouvidos por jovens e adolescentes, por isso faz-se necessário entender quais identidades são representadas, bem como seus contextos de produção e de denúncia.

Desta forma, buscamos entender como esses discursos são produzidos e como dialogam com posições patriarcais e machistas presentes na sociedade brasileira. Focalizamos as vozes das mulheres do/no funk, analisando as biografias das autoras/compositoras/cantoras, seus contextos de escrita/composição/performance e suas vivências expressas em entrevistas e em suas postagens em redes sociais, junto com seus clips e músicas. Na pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos: Compreender quais identidades de gênero femininas são construídas pelo funk feminino; refletir sobre as identidades das mulheres na sociedade brasileira; Refletir,

¹ Professora no Departamento de Estudos da Linguagem da UEPG. Pesquisadora no campo da Linguística Aplicada. Correio eletrônico: clorisporto@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês na UEPG. Correio eletrônico: 21002058@uepg.br.



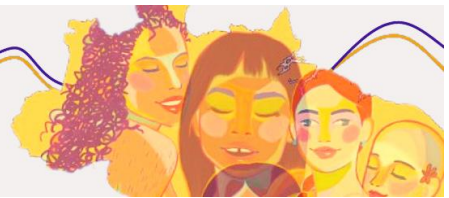
analisar e compreender quais são os impactos dessas representações na sociedade, especialmente na construção de identidades de outras mulheres; analisar as biografias e falas das cantoras/compositoras, buscando entender seus contextos e como esses afetam suas músicas. Neste trabalho, apresentamos apenas alguns resultados iniciais de nossa análise, focalizando a produção artística da cantora Ludmilla.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a realização desta pesquisa, adotamos alguns encaminhamentos metodológicos. Fizemos levantamento e seleção das músicas e artistas a serem pesquisadas; estudo do referencial teórico-metodológico da análise dialógica do discurso; estudo do referencial teórico a respeito do funk, levando em conta sua relação com os espaços sociais e com os corpos de quem os performam; estudos sobre feminismos e gênero social, buscando compreender os papéis sociais atribuídos e desempenhados por mulheres; estudo dos contextos e biografias das cantoras/compositoras, associando as músicas às realidades dessas mulheres; análise das músicas, bem como dos clipes como um todo, procurando traçar paralelos e distanciamentos entre eles.

Assim, quando analisarmos os discursos dos funks selecionados e de outros discursos sobre mulheres na sociedade brasileira, bem como observarmos a biografia e os contextos dessas mulheres, tomamos como referencial teórico-metodológico as obras produzidas pelos autores do Círculo de Bakhtin para uma análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 2015; 2017). Assim, entendemos que todo discurso é situado social, histórica e culturalmente. Todo discurso é carregado de posições de valores (ideologias) e entra no embate valorativo social, pois é um elo na cadeia de discursos sociais. Assim, cada funk responde a outros funks e a outros discursos que circulam socialmente sobre gênero, sexualidade, raça e classe social, por exemplo.

O funk é um estilo musical discriminado, por conta dos espaços e corpos que o performam. O funk teve origem em zonas periféricas (retratando realidades desprestigiadas e discriminadas) e passou a atingir outros grupos sócio-econômicos e culturais. Assim, por denunciar os contextos das populações marginalizadas, o funk acaba sofrendo os mesmos preconceitos e violências que sofrem quem o canta, o compõe, o performa e vive essas realidades. Portanto, o preconceito com o funk aparece de acordo com os corpos que o cantam, performam e o produzem (BONFIM, 2015; BUITRAGO CARVAJAL, 2014; LOPES, 2010).



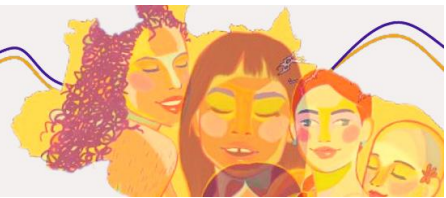
Para analisarmos esses funks, cantados e performados por mulheres, buscamos entender o que as letras dessas músicas falam sobre as mulheres brasileiras, dessa maneira, elaboramos as seguintes perguntas norteadoras: “Quem são as mulheres do/no funk?”, “Como as mulheres são representadas nas produções culturais dessas funkeiras?” e “Quais as implicações dessas representações para as identidades femininas no Brasil?”. Assim, são fundamentais os conceitos de representação e identidade (HALL, 2000; 2016; WOODWARD, 2000), bem como os conceitos de gêneros sociais, especialmente aqueles produzidos no campo dos estudos feministas (BUTLER, 2015a; 2015b; 2017). Entendemos, assim, que identidades são discursivamente produzidas e são performadas em relações sociais, as quais são, por sua vez, constituídas por relações de poder.

Nossa pesquisa está inserida na Linguística Aplicada, uma vez que este campo volta-se para “compreender e solucionar problemas sociais em que a linguagem desempenha um papel central” (KLEIMAN, VIANNA, DE GRANDE, 2019). A construção do gênero social feminino no funk é uma construção discursiva e dialoga com as desigualdades de gênero na nossa sociedade. Assim, nossa investigação entende que a construção do gênero feminino no Brasil é um problema social e articula gênero, raça e classe concomitantemente (GONZALEZ, 2020; LOPES, 2010).

RESULTADOS (PRELIMINARES)

Neste trabalho, visando compartilhar os resultados parciais que construímos, apresentamos ilustrativamente uma análise de um funk da cantora Ludmilla. Ludmilla Oliveira da Silva é uma mulher negra, que nasceu e cresceu em Duque de Caxias e em Irajá no Rio de Janeiro, rodeada por uma família cheia de amor e música. Essa mulher começou ainda menina a cantar, primeiramente como MC Beyoncé (em homenagem a Queen Bey) e depois como Ludmilla. Ela começou cantando funk, mas hoje ela domina o pagode (com o Numanice) e trap, R&B, dancehall e pop (no seu último álbum: “Vilã”), além do funk, pois como ela mesma disse em um podcast: “Eu acho que meu estilo de cantar é: se eu gostar da música, eu vou!” (MANO A MANO: Ludmilla, 2021).

Analisamos esse funk focalizando as representações construídas na música “Rainha da Favela” (2020) na articulação entre signos verbais e não verbais no clipe dessa música. Ressaltamos que, no clipe, o ritmo, a dança e a letra estão articulados. As batidas lembram a palavra “bumbum”, somando isso a trechos como: “Bum Bum Bum Bum Bum Bum/ Foca no meu, só no meu, só no meu/ Foca no meu bum bum”



(SILVA, 2020). A mulher não aparece por completo, sendo resumida por uma parte (bumbum). Essa ideia é reforçada pelo clipe, que expõe imagens do corpo feminino. Pode-se indicar um diálogo com um interlocutor masculino: uma mulher fala diretamente a um homem. Entretanto, no clipe, a mulher representada está na cama na companhia de outra mulher. A sexualização do corpo feminino, então, não é para um homem, mas para outra mulher.

Em trechos da letra, pode-se entender que sexo aparece relacionado ao trabalho, como no excerto: “Então deita na minha cama/ Acende a vela e me chama/ Vamos relaxar/ Vamos relaxar/ O trabalho aqui é bem-feito/ Respeita o serviço, nego” (SILVA, 2020). Por outro lado, o trabalho bem-feito pode se referir ao próprio trabalho da mulher funkeira, cujo funk garante ascensão social (a mulher é representada entrando em um avião particular). O corpo feminino é retomado através da sua sexualidade, do uso de seu próprio corpo para demarcar e (re)conquistar um espaço. Essa ideia é reforçada por recursos visuais também, como por exemplo, o primeiro verso da música e o primeiro citado aqui neste parágrafo, têm como fundo as cinco maiores funkeiras do Brasil (Valesca Popozuda; MC Carol de Niterói; Taty Quebra Barraco; MC Kátia A Fiel), que tiveram suas carreiras marcadas pela sexualização de seus corpos e, por isso, sofreram boicotes e violências, porém foi fazendo uso dessa sexualização e de suas sexualidades, que essas funkeira fizeram seu nome na música e marcaram seus espaços. Pode-se compreender que o trabalho é bem-feito na música, o que garante a possibilidade de a mulher relaxar na cama com quem ela quiser. É importante assinalar que, no clipe, são apresentadas cenas da favela, com a presença dominante de pessoas negras. O clipe, assim, indica que a rainha da favela é negra, domina um espaço de pessoas negras e vivencia uma sexualidade não normativa. A análise apenas da letra poderia nos levar a compreender que a música se refere apenas à sexualização da mulher para o homem. Por outro lado, o clipe abre para outros sentidos: no funk, a performance não se limita à música, mas envolve especialmente a dança. A mulher representada na música performa uma dança sensual, explora a dança que ressalta o bumbum, mas representa uma sexualidade não heteronormativa. Nesse sentido, o trabalho é com a música/musicalidade e o corpo. Essa representação da mulher produzida na música e no clipe parecem se aproximar da história e da vida da própria funkeira Ludmilla, que se assume como uma mulher negra lésbica, da periferia, com ascensão social possibilitada pelo funk.

Além da apresentação da Rainha da Favela, a música também brinca com diferentes línguas (inglês, espanhol e português). O inglês aparece em uma tentativa de

suavizar determinadas expressões, afetando a aceitação da música, como no seguinte trecho “Aqui é só trabalho lindo/ My pussy mata rindo” (SILVA, 2020, grifos nossos) em que “pussy” é usado no lugar de “vagina/xoxota”. Em outro momento, no final do clipe, a cantora fala em espanhol, demonstrando o poder que essa mulher tem, ao fazer uso dessas línguas, mostrando que não há fronteiras, que ela é a rainha da favela, mas não só dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda se encontra em processo de desenvolvimento, de modo que estamos refletindo sobre identidades femininas em nossa sociedade, bem como analisando e tentando compreender suas representações na sociedade e, especificamente, no funk.

Esperamos que ao longo do estudo possamos compreender como as identidades das mulheres são construídas/representadas nessas músicas. Além da análise dos discursos, espera-se compreender como os contextos e histórias de vida das cantoras se relacionam com suas músicas. Assim, analisar as músicas e ouvir as cantoras/compositoras, para entender como as mulheres enxergam outras mulheres e a si mesmas. Desta maneira, uma pesquisa como esta poderá auxiliar em nossa compreensão e reflexão sobre diferentes de “tornar-se mulher” em nossa sociedade, bem como propor uma nova leitura dessas identidades e até mesmo do funk, uma vez que, como gênero musical discriminado pode-se “esquecer” o potencial dessas letras em revelar e denunciar realidades, assim, o trabalho pretende escutar as vozes dessas funkeiras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A Estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Rio de Janeiro: 34, 2016.

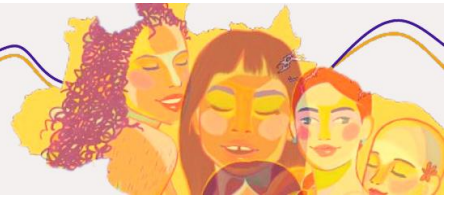
BONFIM, Letícia Laurindo de. **Funk carioca, voz feminina e o caso Tati Quebra-Barraco**. Florianópolis, SC, 2015. 140 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós- Graduação em Literatura.

BITRAGO CARVAJAL, Hugo. A. Una mirada sobre el feminismo del Funk carioca. **Ciencia Política**. Vol. 9, n.º 18 julio - diciembre 2014 · ISSN impreso 1909-230X · EN LÍNEA 2389-7481 /Pp. 67-82.

8º COLÓQUIO MULHERES E SOCIEDADE

ISSN 2317-2665

19 e 20 de abril



BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade.** Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, Judith. **Que tem medo de falar sobre gênero?.** Tv Boitempo, 2017. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM>. Acesso em: 05 fev. 2018.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo.** Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca** / Campinas, SP : [s.n.], 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MANO A MANO: Ludmilla. [Locução de]: Mano Brown; Semayat Oliveira. Entrevistada: Ludmilla Oliveira da Silva. [S.l.]: Spotify Studios, 28 out. 2021. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4TKOvp0YZrJnCWWJd43w6?si=b360ac22e75f4a76>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

RAINHA da Favela. Intérprete: Ludmilla Oliveira da Silva. Compositor: Ludmilla Oliveira da Silva; Romulo; Pablo Fierro; Cabrera. In: RAINHA da Favela. Intérprete: Ludmilla Oliveira da Silva. Rio de Janeiro: Warner Music Group, 2020. (3:20). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DWH349RfD7E>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

WOODWARD. Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.